

O ENSINO SUPERIOR, A ESQUERDA E A DESTRUIÇÃO DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO¹

Derek Beres²

O que se seguiu somente poderia acontecer num espetáculo de comediantes – Joe Rogan fazia uma sátira de contornos soturnos e vampirescos dos Kardashians colocando em evidência uma sátira em torno de Bruce Jenner (ex-padrasto de Kim Kardashian) cutucando sua masculidade produzindo rebuliço na plateia. A grande questão aqui, tanto para Rogan quanto para os comediantes em geral, é se situações satíricas como essa funcionam numa cultura na qual qualquer um pode ser desqualificado publicamente sem precisar mais do que um “tweet”. Como Caitlin Flanagan nos mostra, a resposta é não. Em suas palavras:

eles querem a comédia tão livre de farpas ou de qualquer tipo de agressão que – até mesmo no caso do mais hipersensível e patológico do Campus, se sem querer se visse no espetáculo – o que ele iria ouvir lhe soaria inofensivo como uma garoa, produzindo nele suave sorriso e o levando de volta para sua República e para um noite de sono sem sonhos. Ele não iria mandar uma mensagem para sua mãe ou para seu pai reclamando de um mostro que o chateou com uma piada.

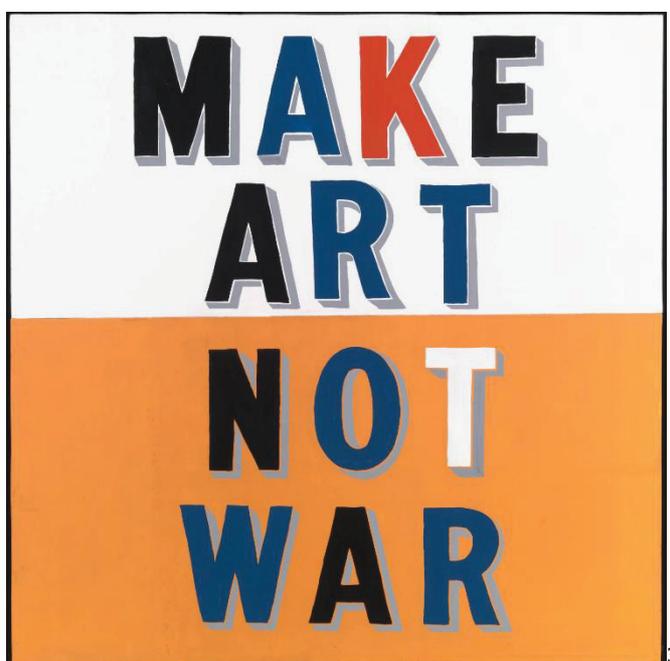
O termo “politicamente correto” não consegue capturar com precisão o escopo do que esta acontecendo pelos campi. Na mesma edição que Caitlin Flanagan escreveu da *The Atlantic*, Greg Lukianoff e Jonathan Haidt fazem uma investigação sobre a zelo e o cuidado na mente dos americanos. Eles argumentam que essa tendência de ser inofensivo é muito possivelmente uma circunstância que esta minando o crescimento intelectual e emocional produzindo estudantes despreparados para o mundo fora das Universidades. Segundo Flanagan:

¹ Texto originalmente publicado em agosto de 2015 no portal Big Think < <http://bigthink.com/> >. Traduzido com autorização do autor por Ariel Finguerut (membro do Conselho Editorial da Revista Malala)

² Derek Beres vive em Los Angeles , é escritor, produtor musical e instrutor de Yoga. Mais informações em < <http://www.derekberes.com/> >

Uma proteção vingativa [...] os prepara muito mal para a vida profissional, na qual frequentemente se exige envolvimento intelectual com pessoas e com ideias que se pode achar incompatível ou errada. O estrago pode ser mais imediato também. Uma cultura universitária devota do policiamento do discurso e que pune é provável que crie padrões de pensamento que são assustadoramente similares àqueles a muito identificados pelos terapeutas da psicologia comportamental – cognitiva como as causas da depressão e da ansiedade. Esse protecionismo pode estar ensinando os estudantes a pensar de forma patológica.

Recentemente entrei nos 40 e tenho feito de tudo para não olhar para trás com olhos de superioridade em relação às novas gerações. Lembro bem como foi chegar até aqui. Como jornalista, por exemplo, há muito tempo cobrindo cenas musicais, sempre tentei evitar a frase “isso não é música!”, algo que ouvi recorrentemente crescendo ouvindo Hip-Hop. Manter-se em sintonia com o tempo é importante não só na música, mas também com as ideias e movimentos culturais. Nos EUA estamos vivenciando um desdobramento inédito no nosso sistema político com dois candidatos — Donald Trump e Bernie Sanders — representando polos distintos do espectro socioeconômico. Entender as nuances e o balanço que existe entre eles e os demais candidatos requer um pensamento matizado.



³ Bob e Roberta Smith, 1997, Tate Gallery

E, no entanto, como Lukianoff e Haidt mostram, 54% dos estudantes universitários dizem ter sentido “muita ansiedade” no último ano e é uma porcentagem em crescimento. Claro que nessa idade os jovens estão cheios de pressões sociais e pessoais. Nessa época da vida eles se deparam, talvez pela primeira vez, com o sentimento de que a vida tem potencialidades de longo prazo e têm as experiências profundas como amar e se frustrar. Há a possibilidade de conhecer pessoas com trajetórias, experiências e de etnias distintas. Eu posso dizer que aprendi mais – em meados dos anos de 1990 – fora da sala de aula, do que na Universidade Rutgers (em Nova Jersey). E eu suspeito que seja assim para a maioria das pessoas.

Mas eu sei, como alguém formado em Religião, mas sem um credo definido, que é fácil cair no tribalismo. Estamos acima nos referindo ao que acontece nos campi universitários, mas isso também aparece no cotidiano desses jovens. Nas redes sociais é muito popular encontramos a expressão “se você não concorda com ___ (casamento gay, lutar contra Transgênicos, que há provas que a mudança climática está ocorrendo ou em defesa dos transgêneros) pode deixar de ser meu amigo, não quero estar associado a você”

O mesmo vale para o que falamos sobre o pensamento patológico: eu não quero ver nada que conflite com minhas ideias e pensamentos. Por isso, temos tanta ansiedade. Parece muito mais seguro viver numa bolha de afirmação, que em um vale de incertezas. Em outras palavras: eu fecho meus olhos, não te vejo, logo você não existe.

Mas eles continuam a existir e negar apenas fortalece nossas inseguranças. Lukianoff e Haidt discutem alguns gatilhos que surgem e estudam as substâncias químicas causadoras de ansiedade, especialmente adrenalina e a norepinefrina que respondem a um sinal de socorro do hipotálamo – produzindo um ataque de pânico. Eu conheço isso bem, tenho problemas com ansiedade desde os meus 16 anos.

Para mim, a estação de metrô “Fulton Street” em Manhattan era um gatilho. Há 9 anos atrás eu passei mal num restaurante em East Village, em meio a um ataque de pânico, eu acordei no colo de uma pobre mulher. Uma semana depois, praticamente a mesma coisa aconteceu quando eu pisei dentro de um carro lotado nesse mesmo lugar. Por meses eu não conseguia entrar naquela estação sem sentir uma sensação de ataque iminente. Como remédio eu andava alguns quarteirões a mais até o centro da cidade.

Mas isso não é remédio; é apenas uma forma de fuga, de evitar o problema. Depois de alguns meses tomando Xanax, eu pude aliviar os sintomas com medicação e

com auxílio de técnicas de respiração da Yoga (pranayama). Uma vez que as coisas estavam sob controle voltei a frequentar a estação de Metrô “Fulton Street” – sem efeitos colaterais. Eu tinha que confrontar meu medo em ordem para continuar com minha vida.

Essa ansiedade extrema diante de alguém que não concorda com você não será curada censurando essas pessoas ou as perseguindo via internet. No entanto, como eu li em algum lugar, “um bobo persiste em suas bobeiças”. Um grupo na Universidade de New Hampshire recentemente publicou um “Guia para a Linguagem livre de Preconceitos” visando combater a discriminação que persiste. Esse Guia é um impulso para os alunos que não querem entrar em conflito; ele propõe o uso de um palavreado alternativo, como por exemplo:

- Ao invés de dizer “senhores idosos”: diga pessoas com idade avançada;
- Pobres indigentes: pessoas experimentando a pobreza;
- Ricos: pessoas com bens materiais;
- Obesos: pessoas grandes;
- Sapataão: pessoas inconformadas com gênero;
- Estrangeiros: pessoas internacionais.



4

⁴ Versão 2015, de *Make Art Not War* (© Bob and Roberta Smith), feita por Ariel Finguerut.

A direita é frequentemente criticada por instalar fanáticos religiosos em suas políticas. A esquerda está se curvando para o mesmo Deus. Não o Deus de qualquer livro mas, ao insistir e persistir na ideia de que “apenas meu modo é o certo” cultuam o fanatismo. Assim, nos dividimos em grupos, rompemos amizades e então, atacamos com ardor qualquer coisa que remotamente venha do estrangeiro, ou seria melhor dizer de “pessoas internacionais”. E quanto mais vozes gritam menos escutamos.